

LITERATURA INFANTO-JUVENIL EM CORDEL: LEITURA, REFLEXÃO E ESCRITA

Bianca Silva de OLIVEIRA

Orientadora: Maria Margarete de Paiva SILVA
Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a Literatura infanto-juvenil em Cordel como um importante instrumento de incentivo à leitura e à escrita em sala de aula, por conter uma linguagem simples e ritmada e por trabalhar com a imaginação das pessoas, tornando o ato de ler atrativo e prazeroso. O trabalho tem como suporte teórico textos de Pimenta; Ghedin (2002), Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008) e dá uma diretriz ao trabalho, que é de cunho bibliográfico e descritivo. O Cordel na sala de aula leva o aluno à construção de uma personalidade intelectual, instigando-o a refletir sobre o que lê e a relacionar o imaginário da literatura infanto-juvenil ao real. O cordel por ser uma literatura de caráter popular, trabalha temas associados ao cotidiano, possibilitando diálogos que podem conduzir o aluno ao desenvolvimento do senso crítico e à transposição, de forma coerente, desses posicionamentos para escrita.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Leitura. Diálogos. Senso crítico. Escrita.

Abstract: This work aims to present the juvenile Cordel Literature as an important tool to encourage reading and writing in the classroom, it contains a simple, rhythmic language and to work with people's imagination, making the act attractive and enjoyable to read. The work is theoretical support texts pepper Pimenta; Ghedin (2002), Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008) and gives a guideline to work, which is a bibliographical and descriptive matrix. The Cordel in the classroom leads students to build an intellectual personality, prompting him to reflect on what they read and to relate the imagery of the juvenile to real literature. Cordel topics related to daily life by being a literature of popular character, works, enabling dialogues that can lead the student to the development of critical thinking and transposition, consistently, these positions and writing.

Keywords: Cordel Literature. Reading. Dialogues. Critical sense. Writing

Introdução

O ato de ensinar exige que o professor não seja apenas um transmissor de conhecimentos, mas também um formador de opiniões. Ele deve conduzir o aluno no caminho da própria formação crítica e intelectual, ajudando-o a construir a sua própria visão de mundo. Este estudo, ainda em desenvolvimento, pretende mostrar que a literatura de Cordel pode e deve ser trabalhada em sala de aula, como instrumento motivador para a prática da leitura e da escrita, de forma reflexiva. Destaca-se que o Cordel é uma literatura recomendada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, que deve ser estudado em sala

de aula, pois permite ao aluno um estudo comparativo sobre a temática abordada e as modalidades de linguagem, como será exposto ao longo do trabalho.

Fundamentação

A formação do professor deve levá-lo a desenvolver um trabalho de qualidade e criar novos métodos para colocar em prática os conteúdos. O professor precisa refletir sobre a própria prática de ensino para levar o conhecimento, de acordo com a realidade na qual o aluno está inserido, porque o ensino não é algo mecânico e estático, pelo contrário, trata-se de uma ação dinâmica. Sobre isso, Pimenta; Ghedin (2002, p. 22) afirma:

O ensino prática reflexiva tem se estabelecido como uma tendência significativa nas pesquisas em educação, apontando para a valorização dos processos de produção do saber docente a partir da prática e situando a pesquisa como um instrumento de formação de professores em que o ensino é tomado como ponto de partida e de chegada a pesquisa o ensino.

O professor precisa aproveitar os saberes e ajudando o discente a relacionar saberes de vida com os conhecimentos transmitidos através do ensino didático. Freire (1996, p.16) sugere ao professor:

Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Porque não há lixões no coração dos bairros rios e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?

A escola deve habilitar cidadãos para intervirem no mundo em busca de uma sociedade melhor, cidadãos que sejam capazes de conhecer, lutar e reivindicar por seus direitos, buscando a melhoria para toda a sociedade. Nesse sentido, a importância do uso de texto no processo de leitura e escrita como indispensáveis ferramentas “[...] favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” é ressaltada nos PCNs (BRASIL, 2000, p. 26), que aconselham expor os alunos a diferentes gêneros textuais como poesia, romances, contos, cartas, poemas, entre outros.

A leitura tem sido muito cobrada e as escolas têm recebido do Ministério da Educação/ MEC e Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação/ FNDE livros excelentes, para o aluno e para o professor. A escola, no entanto, deve se engajar no trabalho de leitura e escrita, porque a leitura amplia o conhecimento, mas ela sozinha não garante a produção de textos coerentes. Uma boa escrita reflete conhecimento e posicionamento, tem uma linha condutória

de pensamento, remete a outras informações, mesmo que apresente alguns problemas gramaticais, que podem ser solucionados a partir da reescrita dos textos.

Os gêneros textuais apresentam-se como um excelente instrumento para o trabalho com a leitura e a escrita (MARCUSCHI, 2008). Bakhtin afirma que eles são heterogêneos, porque um gênero integra outro. Ele os divide em *gêneros primários e gêneros secundários*.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. (BAKHTIN, 1997, p.282)

O cordel tem estrutura ritmada e linguagem simples, sendo facilmente entendido por qualquer pessoa; seus assuntos principais tratam do cotidiano, da seca do nordeste, política, disputas, milagres, brigas, cangaço, heroísmo, entre outros. Além disso, outra característica desse gênero é a xilogravura, gravura de entalhe na madeira. Essa literatura de baixo custo é chamada de Cordel, pois, inicialmente esses folhetos eram pendurados em varais, cordas e expostos para serem vendidos pelos próprios autores.

O cordel pode ser classificado em várias formas, entre elas, temos Pelejas, Folhetos de circunstâncias ABCs e Romances. Pode ser escrito em forma de: Quadra (quatro versos); Sextilha (seis versos – mais comum nessa literatura); septilha (a mais rara; é composta por sete versos); oitava (oito versos); quadrão (os três primeiros versos rimam entre si; o quarto com o oitavo, e o quinto, o sexto e o sétimo também); décima (dez versos); e martelo (decassílabos - comuns em desafios e versos heroicos).

Metodologia

A literatura de cordel tem uma escrita próxima à oralidade. Nesse sentido, busca-se trabalhar a leitura do Cordel, adequando a voz ao texto, considerando a entonação e a expressão corporal entre outros. A sala de aula pode e deve ser transformada em um palco para que professor e alunos realizem a leitura da literatura de Cordel.

A leitura dos folhetos **As proezas de João Grilo**, de João Ferreira de Lima, **O cavalo que defecava dinheiro**, de Leandro Gomes de Barros e **O auto da compadecida**, de Ariano Suassuna será realizada para estudo comparativo, no 2º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de Palmeira dos Índios, Alagoas. Os alunos, após a leitura, deveram observar qual texto exprime uma perspectiva mais individual ou mais social. A leitura desses folhetos e

da peça pode levar os alunos a analisarem a maneira como o dramaturgo articulou e deu significado às cenas, falas e episódios presentes no cordel e a observar que os folhetos detêm de autonomia que não depende da obra canônica.

Para crianças, os cordéis ideais são aqueles com temática voltada para os bichos (fábulas). A leitura de sextilhas apresenta uma recepção lúdica e prazerosa, dando luz às mais diversas atividades, como leitura oral e compartilhada, musicalização, encenações entre outros. Como exemplo tem-se: **No Tempo em que os bichos falavam**, de José Francisco Borges; **A intriga do cachorro com o gato**, de José Pacheco; **O forró da bicharada**, de Apolônio Alves do Santos; **O divórcio da cachorra**, de Arievaldo e Klévisson Viana.

Após as atividades propostas, pretende-se envolver os alunos na escrita de um Cordel, levando em conta a coerência do texto com a temática proposta, e, posteriormente, estudar os problemas de ordem gramatical encontrados para a reescrita dos textos.

Conclusão

O Cordel é considerado uma arte menor e, por isso, a escola não o utiliza como literatura, no entanto ela pode ser transformada em objeto de estudo e ser utilizada para incentivar a prática da leitura por crianças ou jovens. Cabe ao professor incentivar essa prática, fazendo com que o aluno reflita sobre a temática trabalhada e sobre a linguagem utilizada, para que o discente perceba que existem outras formas de expressão que comunicam tanto quanto a língua culta. O professor pode mostrar que uma das razões por que a literatura de cordel é pouco valorizada é pelo uso da linguagem não culta. A metodologia aqui exposta apresenta-se como alternativa para ajudar o professor a trabalhar com o Cordel, dando ao aluno espaço para interagir e expor suas opiniões, além de deliciar-se com essa leitura que brinca com a imaginação de seus leitores.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN Evandro. **Professor Reflexivo no Brasil - Gênese e Crítica de um Conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 144p (2000).
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.